REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

ERA AMÓS UM POETA? A FUNÇÃO RETÓRICA DA POESIA HEBRAICA NOS ORÁCULOS DE AMÓS

WAS AMOS A POET? THE RHETORICAL FUNCTION OF HEBREW POETRY IN THE ORACLES OF AMOS

¿ERA AMÓS UN POETA? LA FUNCIÓN RETÓRICA DE LA POESÍA HEBREA EN LOS ORÁCULOS DE AMÓS

FABIANO PEDROSO
Mestrando em Teologia na Faculdades EST, Brasil
E-mail: fabiano.pedroso@gmail.com

CHARLES KLEMZ
Doutor em Teologia pelas Faculdades EST, Brasil
E-mail: charles@est.edu.br

RESUMO

Este artigo investiga se o uso recorrente e estruturado da poesia hebraica nos oráculos do profeta Amós funciona como estratégia retórica ou constitui mera reprodução de forma tradicional. A partir de análise literária de passagens selecionadas do livro de Amós, com ênfase nos recursos do paralelismo, do quiasmo e dos pares fixos de palavras, argumenta-se que a forma poética, longe de ser ornamental, funciona como estratégia retórica. Ela estrutura a eficácia comunicativa dos oráculos, intensificando o impacto emocional, facilitando a memorização oral e conferindo força persuasiva à mensagem profética. O estudo dialoga com a teoria da poesia hebraica bíblica (Alter, Berlin) e com estudos sobre profecia e retórica no Antigo Testamento.

Palavras-chave: Amós; poesia hebraica; retórica profética; paralelismo; oralidade.

ABSTRACT

This article investigates whether the recurrent and structured use of Hebrew poetry in the oracles of the prophet Amos functions as a rhetorical strategy or constitutes mere reproduction of traditional form. Through literary analysis of selected passages from the book of Amos, with emphasis on the resources of parallelism, chiasm, and fixed word pairs, it is argued that poetic form, far from being ornamental, functions as a rhetorical strategy. It structures the communicative efficacy of the oracles,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

intensifying emotional impact, facilitating oral memorization, and conferring persuasive force to the prophetic message. The study engages with the theory of biblical Hebrew poetry (Alter, Berlin) and with studies on prophecy and rhetoric in the Old Testament.
Keywords: Amos; Hebrew poetry; prophetic rhetoric; parallelism; orality.

RESUMEN

Este artículo investiga si el uso recurrente y estructurado de la poesía hebrea en los oráculos del profeta Amós funciona como estrategia retórica o constituye mera reproducción de una forma tradicional. A partir del análisis literario de pasajes seleccionados del libro de Amós, con énfasis en los recursos del paralelismo, el quiasmo y los pares fijos de palabras, se argumenta que la forma poética, lejos de ser ornamental, funciona como estrategia retórica. Esta estructura la eficacia comunicativa de los oráculos, intensificando el impacto emocional, facilitando la memorización oral y confiriendo fuerza persuasiva al mensaje profético. El estudio dialoga con la teoría de la poesía hebrea bíblica (Alter, Berlin) y con estudios sobre profecía y retórica en el Antiguo Testamento.
Palabras clave: Amós; poesía hebrea; retórica profética; paralelismo; oralidade.

1 INTRODUÇÃO

A pergunta que orienta este artigo parece simples, mas carrega uma tensão teórica considerável: era Amós um poeta? A resposta direta seria enganosa. Amós não se apresenta como poeta — apresenta-se como profeta, como portador de uma palavra que não é sua. E, no entanto, os oráculos que ele enuncia exibem, com clara regularidade, os recursos formais característicos da poesia hebraica bíblica: paralelismo de membros, quiasmo, pares fixos de palavras, imagens de alta densidade semântica. A questão relevante, portanto, não é biográfica — não se trata de classificar Amós em uma categoria literária — mas funcional: o que esses recursos fazem? De que modo a estrutura poética organiza e intensifica a eficácia comunicativa dos oráculos?

Esse deslocamento de problema, do biográfico para o funcional, é decisivo para o argumento que este artigo desenvolve. A hipótese central é que o uso estruturado da poesia hebraica nos oráculos de Amós pode ser compreendido como estratégia retórica, com funções evidenciáveis de impacto emocional,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

memorização oral e intensificação da mensagem profética. A poesia, portanto, não constitui mera reprodução de um estilo redacional, mas um modo de comunicação no qual forma e conteúdo são inseparáveis: ela não apenas veicula a profecia, ela a estrutura e a intensifica.

Essa hipótese exige uma clareza metodológica prévia. A afirmação de que a poesia "funciona como estratégia retórica" não implica a demonstração de intenção consciente do autor, tarefa metodologicamente inviável para textos antigos. O que pode ser demonstrado, e o que este artigo se propõe a demonstrar, é a função textual: os efeitos que a estrutura poética produz sobre os destinatários dos oráculos, reconstruídos a partir de análise literária interna. Essa distinção entre estratégia retórica e intencionalidade autoral é necessária, e sua omissão tem gerado imprecisões no debate especializado.

No campo dos estudos bíblicos, a relação entre profecia e poesia tem sido tratada de modos variados. Haroldo Reimer descreve a mensagem de Amós como uma crítica veemente e contundente aos agentes e mecanismos de exploração e opressão dos camponeses empobrecidos[1] (REIMER, 2000, p. 188). Esse eixo interpretativo é legítimo e produtivo, mas em algumas leituras a configuração formal tende a ser tratada como superficial, um veículo através do qual o conteúdo profético simplesmente passa. O que este artigo propõe é que a forma não é neutra: ela participa ativamente da produção do efeito profético, e compreendê-la é importante para compreender a mensagem.

Essa perspectiva encontra respaldo em uma tensão já identificada na literatura especializada. Stephen Geller observa que um profeta que conscientemente moldasse sua profecia seria considerado falso, do mesmo modo que um poeta cujos versos não refletissem sua personalidade não seria um verdadeiro artista (GELLER, 1983, p. 211). A tensão é real, mas a solução não está em diluir uma categoria na outra. Está em reconhecer, como sugere Edward

[1] A obra de referência neste ponto é o livro de Reimer dedicado ao profeta Amós no contexto da hermenêutica latino-americana (REIMER, 2000). Para uma análise mais detalhada dos

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

Pollard, que os profetas hebraicos eram, de modo predominante, poetas, transmitindo suas mensagens em construções linguísticas que fazem uso do paralelismo de ideias em formas equilibradas (POLLARD, 1898, p. 327). A estrutura poética não compromete a autenticidade profética; ela a potencializa.

O recorte metodológico adotado neste artigo é literário e analítico. O ponto de partida é o instrumental técnico da poesia hebraica bíblica, tal como desenvolvido por estudiosos como Robert Alter, Adele Berlin, Wilfred Watson e John Kselman. Esse instrumental é então aplicado a passagens específicas do livro de Amós, com atenção ao que cada recurso poético produz no plano retórico. O critério de seleção das passagens não é quantidade, mas representatividade: foram escolhidos textos que ilustram, de modo claro e variado, a funcionalidade dos recursos empregados por Amós.

O artigo se organiza em três movimentos. O primeiro apresenta uma síntese dos principais recursos da poesia hebraica bíblica, com ênfase em seu caráter funcional, não ornamental. O segundo analisa quatro passagens selecionadas do livro, demonstrando como cada recurso funciona retoricamente, com atenção às implicações para a memorização e transmissão oral da mensagem. O terceiro retoma a pergunta inicial e propõe uma resposta articulada, apontando para uma dimensão que será desenvolvida em um próximo artigo: a de que a poesia profética de Amós, em certos textos, não apenas intensifica a comunicação profética, mas parece configurar, no plano discursivo, o próprio julgamento que enuncia.

2 POESIA HEBRAICA COMO FORMA FUNCIONAL, NÃO ORNAMENTAL

A questão de fundo que antecede qualquer análise dos oráculos de Amós é uma questão teórica: o que a poesia hebraica faz? Não apenas o que ela é, seus tipos, seus padrões, suas técnicas, mas o que ela produz. O estudo da poesia

mecanismos socioeconômicos de opressão no livro, cf. também REIMER, Haroldo. Agentes y mecanismos de opresión y explotación en Amós. **RIBLA**, n. 12, p. 69-81, 1992.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

bíblica tem avançado consistentemente nas últimas décadas, mas ainda convive com uma tensão metodológica que Zieba identifica com precisão: os estudiosos tendem a enfatizar ou os critérios semânticos ou os critérios linguísticos, quando de fato ambos são necessários para uma compreensão adequada (ZIEBA, 2020, p. 760). Antes de examinar os oráculos de Amós, é indispensável estabelecer esse instrumental, não como mero exercício historiográfico, mas como fundamento funcional para a análise que se segue.

2.1 DO ORNAMENTAL AO FUNCIONAL: O DESLOCAMENTO DECISIVO

O debate moderno sobre a poesia hebraica encontra seu ponto de partida, em geral, em Robert Lowth, cujas *Praelectiones*[2] de 1753 identificaram o paralelismo como princípio organizador do verso bíblico. Lowth distinguiu três tipos fundamentais — paralelismo sinonímico, antitético e sintético —, e essa categorização, embora criticada e refinada, permanece como referência obrigatória. O problema não estava na observação de Lowth, mas no que ela levava a sugerir: que a poesia hebraica funcionava por equivalência, pela repetição balanceada de sentidos. Essa leitura tornava o segundo membro do par poético um eco do primeiro, mais elaborado, talvez, mas essencialmente redundante.

James Kugel foi o crítico mais sistemático dessa concepção. Em *The Idea of Biblical Poetry*, argumentou que a distinção entre prosa e poesia bíblica não é categórica, mas gradual: o que chamamos de poesia é, essencialmente, estilo elevado, caracterizado por tersidade[3] e paralelismo em alta concentração (KUGEL, 1981, p. 85). Kugel tem razão ao resistir a fronteiras rígidas, mas sua radicalização

[2] As *Praelectiones Academicae de Sacra Poesi Hebraeorum* foram publicadas originalmente em Oxford em 1753. O trabalho de Lowth não integra a bibliografia ativa deste artigo, sendo referenciado apenas como marco fundador do debate moderno sobre paralelismo. Para uma discussão contemporânea de sua recepção, cf. KUGEL, 1981, p. 1-58, e BERLIN, 2007.

[3] O termo *tersidade* (do inglês *terseness*) designa a economia radical de palavras característica da poesia hebraica: a supressão sistemática de artigos, conjunções e partículas explicativas, de modo que o verso retém apenas o núcleo semântico do pensamento. Berlin observa que essa compressão tende a equilibrar os versos em extensão, reforçando a percepção de paralelismo. Para Kugel, tersidade e paralelismo são os dois elementos que, em alta concentração, definem o "estilo elevado" da poesia bíblica (BERLIN, 2007; KUGEL, 1981, p. 85).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

do argumento, ao ponto de sugerir que a distinção prosa/poesia é metodologicamente viciada, cria um problema diferente: obscurece o que há de mais singular no verso bíblico quando a análise mais precisaria vê-lo. É difícil sustentar que a ordenação formal de Am 5,2 ou Am 8,1-2 seja redutível a "estilo elevado" sem perda analítica significativa.

Robert Alter oferece uma via mais produtiva. Para ele, a poesia funciona como o modo de expressão no qual a superfície é a profundidade, as configurações formais do texto não simplesmente conduzem o sentido, mas participam ativamente de sua constituição. Como afirma: "[...] os valores espirituais, intelectuais e emocionais da Bíblia que continuam a nos concernir tão urgentemente são inseparáveis da forma que lhes é conferida nos poemas" [4] (ALTER, 2011, p. 256, tradução nossa). Esse é o deslocamento decisivo: da poesia como ornamento para a poesia como modo de significar. A estrutura poética não decora o conteúdo profético, ela o organiza e o intensifica.

2.2 OS RECURSOS FORMAIS E O QUE ELES FAZEM

Estabelecido esse princípio, é possível apresentar os recursos poéticos de Amós como instrumentos funcionais, não como elementos de uma gramática descritiva. Cada um deles produz efeitos específicos sobre o ouvinte, e são esses efeitos que importam para o argumento deste artigo.

O paralelismo é o recurso mais estudado e, ao mesmo tempo, o mais frequentemente mal compreendido. A leitura sinonímica clássica o entendia como repetição: o segundo membro diria o mesmo que o primeiro, de modo diferente. Alter demonstrou, com rigor, que essa leitura é empiricamente inadequada. O movimento característico do paralelismo bíblico é de intensificação, especificação e concretização: "[...] o sistema de versificação como um todo definitivamente encoraja a interação dinâmica entre versos nos quais os sentimentos se tornam

[4] *"[...] the spiritual, intellectual, and emotional values of the Bible that continue to concern us so urgently are inseparable from the form they are given in the poems."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

mais fortes, as imagens mais nítidas, as ações mais poderosas ou mais extremas" [5] (ALTER, 2011, p. 24, tradução nossa). O segundo membro não repete, avança. Esse é um de seus papéis retóricos: criar movimento dentro da linha, conduzir o ouvinte de uma afirmação para uma versão mais concentrada e mais intensa dela.

Essa dinâmica pode ser observada em diferentes níveis do texto poético. Berlin propõe uma perspectiva complementar: o paralelismo não opera apenas no nível semântico, mas ativa simultaneamente todos os níveis da linguagem: gramatical, lexical, fonético. Como afirma: "Se o aspecto gramatical fornece o esqueleto do paralelismo, então os aspectos lexicais e semânticos são a sua carne e o seu sangue"[6] (BERLIN, 2007, tradução nossa). Essa formulação tem consequências práticas para a análise: não se pode isolar o significado das palavras de sua posição sintática, de sua sonoridade, de sua relação com os pares que as precedem e seguem. Couey e James sintetizam essa perspectiva da seguinte forma:

> O paralelismo hebraico funciona em muitos níveis estruturais — principalmente no nível do verso — para articular progressão, reconfiguração, deslocamento e ausência em relação dialógica. Nos poemas em hebraico bíblico, alguns sons, formas, imagens e conceitos são destacados porque aparecem de forma isolada. Outros sons, formas, imagens e conceitos são repetidos, ou elementos semelhantes a eles criam a impressão de recorrência; estes também são essenciais[7] (COUEY; JAMES, 2018, p. 17, tradução nossa).

O quiasmo é um recurso estrutural de natureza diferente. Enquanto o paralelismo opera na progressão, de A para B, o quiasmo opera na inversão simétrica: A-B-B'-A'. Kselman demonstrou, a partir da análise de textos bíblicos variados, que o quiasmo semântico-sonante[8] não é mero ornamento estrutural,

---

5 *"[...] the system of versification as a whole definitely encourages dynamic interplay between versets in which feelings get stronger, images sharper, actions more powerful or more extreme."*

6 *"If the grammatical aspect provides the skeleton of the parallelism then the lexical and semantic aspects are its flesh and blood."*

7 *"Hebrew parallelism functions on many structural levels — chief among them the line — to articulate progression, reconfiguration, displacement, and absence in dialogical relation. In biblical Hebrew poems, some sounds, forms, images, and concepts are foregrounded because they stand alone. Other sounds, forms, images, and concepts are repeated, or elements similar to them create the impression of recurrence; these are vital as well."*

8 O quiasmo semântico-sonante é um dispositivo que combina inversão estrutural (quiasmo) com correspondências simultâneas de sentido e som. Em sua configuração típica, um dos lados do

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

mas um dispositivo que atua como orientador da leitura para o núcleo da construção, o ponto de inversão é, também, o que o oráculo tende a enfatizar (KSELMAN, 1977, p. 219). Em textos proféticos, esse efeito é particularmente significativo: o centro do quiasmo tende a conter a mensagem de maior peso teológico ou argumentativo.

Os pares fixos de palavras constituem o terceiro recurso central. Trata-se de conjuntos de termos que aparecem regularmente em paralelo na poesia hebraica e ugarítica[9] — como *ksp/ḥrṣ* (prata/ouro), *dal/'ebyôn* (fraco/pobre) —, formando o que a tradição crítica costuma denominar "o dicionário do poeta" — expressão que Berlin retoma ao descrever essa hipótese (BERLIN, 2007). A questão de sua relação com a composição oral permanece em aberto: a própria Berlin reconhece que os mesmos pares aparecem em poesia que certamente não foi composta oralmente (BERLIN, 2007). O que se pode afirmar com razoável segurança é que esses pares funcionam como unidades de reconhecimento imediato para o ouvinte treinado na tradição. Sua operação, portanto, vai além do estrutural: eles ancoram o discurso em um repertório reconhecível, facilitando sua recepção e retenção (Cf. BERLIN, 2007).

Finalmente, a paronomásia[10] — o jogo sonoro e semântico entre palavras de sons semelhantes — opera no nível mais concentrado de todos. Kselman descreve como a técnica do quiasmo semântico-sonante combina a estrutura invertida com a convergência de som e sentido, produzindo um efeito de alta

quiasmo é formado por um par de palavras de sentido semelhante (par semântico), enquanto o outro é constituído por palavras de som semelhante (par sonante). Kselman delimita o alcance do dispositivo propondo dois critérios de controle: o par semântico deve restringir-se à repetição da mesma palavra em cola paralelos ou a pares paralelos estereotipados atestados em outros textos hebraicos; o par sonante deve limitar-se à assonância consonantal. KSELMAN, 1977, p. 220.

9 O corpus ugarítico refere-se aos textos literários descobertos a partir de 1929 em Ras Shamra, na Síria, escritos em uma língua semítica próxima ao hebraico antigo. A proximidade linguística e poética entre as duas tradições tornou os textos ugaríticos uma referência indispensável para o estudo da poesia hebraica bíblica. Cf. WATSON, 1994, p. 3-10.

10 Paronomásia designa o recurso estilístico que explora a semelhança sonora entre palavras de sentidos distintos, produzindo um efeito simultâneo de aproximação fônica e distância semântica. Na poesia hebraica, opera predominantemente no nível consonantal: são as combinações de consoantes, e não a vogalização, que estabelecem a proximidade sonora entre os termos Cf. KSELMAN, 1977, p. 219-220.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

densidade (KSELMAN, 1977, p. 219). Em contexto profético, essa convergência não é apenas estética: ela opera como mecanismo de comunicação concentrada, pois som e sentido se reforçam mutuamente na memória do ouvinte.

2.3 POESIA, ORALIDADE E TRANSMISSÃO

Uma nota metodológica é necessária antes de avançar para a análise textual. Ao longo deste artigo, o termo "oralidade" não designa ausência de escrita, mas prioridade de formas composicionais orientadas à performance e à memorização. Freedman observou, com precisão, que no contexto da poesia bíblica "[...] é difícil, se não impossível, separar os elementos oral e escrito"[11] (FREEDMAN, 1977, p. 12, tradução nossa). Ambos os processos coexistiram na tradição israelita, e a poesia que chegou até nós é o produto de sua interação.

O que importa, para os propósitos deste artigo, é que a estrutura poética dos oráculos proféticos funcionou, independentemente de sua gênese oral ou escrita, como tecnologia de sobrevivência da mensagem. Formas como o paralelismo intensificado, o quiasmo e os pares fixos tornavam o texto memorizável, reconhecível, transmissível. Petersen observa que os diferentes papéis sociais dos profetas israelitas implicavam diferentes modos de comunicação com suas audiências (Cf. PETERSEN, 1981, p. 33-34), e a poesia estruturada era certamente um desses modos, mais exigente, mais formal, mais difícil de distorcer na transmissão. É essa operação que interessa examinar nos quatro textos do corpus.

3 A POESIA NOS ORÁCULOS DE AMÓS: ANÁLISE DO CORPUS

Os quatro textos que compõem o corpus deste artigo foram selecionados por um critério simples: cada um ilustra, de modo claro e relativamente

[11] *"it is difficult if not impossible to disentangle oral and written elements. Both processes are at work in the history of composition and presentation of any biblical poem."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

independente, um recurso poético distinto em funcionamento. Não se trata de uma amostragem exaustiva da poesia de Amós, mas de uma seleção representativa que permite demonstrar, em vez de apenas afirmar, que a dinâmica poética estrutura a eficácia comunicativa dos oráculos. A pergunta guia permanece constante ao longo das análises: não “o que é este recurso?”, mas “o que ele faz?”

As subseções que se seguem percorrem uma progressão. O primeiro texto (Am 1,2) é examinado sob ênfase estrutural: como o paralelismo organiza a abertura do livro. O segundo (Am 5,4-6) é examinado sob ênfase teológica: como o quiasmo orienta a leitura para o seu núcleo. O terceiro (Am 8,1-2) é abordado sob ênfase linguística: como a paronomásia concentra o julgamento em uma única imagem auditiva. O quarto (Am 5,2) é tratado sob ênfase formal-mimética: como o metro do lamento incorpora sonoramente o colapso que anuncia. A subseção final articula as análises precedentes com a questão da oralidade e transmissão.

3.1 AM 1,2: PARALELISMO INAUGURAL E INTENSIFICAÇÃO ACÚSTICA

O versículo de abertura do livro de Amós é uma abertura de forte intensidade sonora:

“De Sião ruge o Senhor / e de Jerusalém faz ouvir a sua voz;

os pastos dos pastores são desolação / e o cume do Carmelo sequidão.” (BÍBLIA, Am 1,2)[12]

A estrutura do versículo é composta por dois bicólons em paralelismo. O primeiro – “De Sião ruge o Senhor / e de Jerusalém faz ouvir a sua voz” — apresenta o que a tradição classificaria como paralelismo sinonímico: os dois membros referem-se ao mesmo evento com terminologia distinta. Chamar esse paralelismo de “sinonímico” é, no entanto, insuficiente. O segundo membro não simplesmente repete o primeiro: ele o amplifica. “Fazer ouvir a voz” é mais

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

específico e mais humano do que "rugir": a imagem do leão cede lugar à imagem do discurso, e o ouvinte é conduzido de uma ameaça animal para uma ameaça soberana. O movimento é de intensificação: a força bruta do rugido revela-se, no segundo membro, como autoridade comunicativa. Alter descreveu precisamente essa dinâmica: "o sistema de versificação como um todo definitivamente incentiva uma interação dinâmica entre os versos, na qual os sentimentos se intensificam, as imagens se tornam mais nítidas e as ações mais poderosas ou mais extremas" [13] (ALTER, 2011, p. 24, tradução nossa).

O segundo bicólon – "os pastos dos pastores são desolação / e o cume do Carmelo sequidão" — prolonga os efeitos do primeiro. Carroll observa que pode haver aqui um merismo: as consequências do rugido se estendem dos pastos nas planícies baixas ao cume do Carmelo, sinalizando devastação abrangente, de alto a baixo (CARROLL, 2020, p. 212). O paralelismo também ritma os efeitos: o "luto" (*ʾābal*) dos pastos e o "secar" (*yābaš*) do Carmelo criam uma progressão que vai da tristeza à ausência de vida. A operação do texto aqui é precisa: a configuração formal produz essa progressão verso a verso, não apenas a descreve.

Carroll nota que 1,2 é considerado por muitos comentadores a chave temática de todo o livro (CARROLL, 2020, p. 209). A posição inaugural não é acidental: ela concentra, no mais breve dos textos, a postura teológica e retórica que percorrerá todo o livro. Landy observa que em Amós a linguagem poética usa "[...] os mais simples ingredientes formais para gerar vastas implicações: o equilíbrio das frases, as metáforas elementares e a ressonância litúrgica" [14] (LANDY, 1987, p. 241, tradução nossa). A abertura do livro exemplifica isso: dois bicólons, quatro membros, e já está instaurada a instância que governa tudo que se seguirá.

---

[12] Todas as citações bíblicas deste artigo seguem a **Bíblia TEB: Tradução Ecumênica da Bíblia** (São Paulo: Edições Loyola, 2020).
[13] Cf. nota 7. ALTER, 2011, p. 24, tradução nossa.
[14] *"[...] the language used to express this wonder uses the simplest formal ingredients to generate vast implications: the balance of phrases, elemental metaphors, and liturgical resonance."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

A imagem do leão, além disso, não é um dado inicial isolado. Ela reaparece em 3,4 e 3,8, onde o paralelismo sinonímico vincula explicitamente o rugido do leão à palavra profética. A abertura de 1,2 atua, portanto, como o primeiro elo de uma cadeia imagética que o próprio livro desdobra ao longo de seus oráculos.

3.2 AM 5,4-6: O QUIASMO EM ESPELHO E A ORIENTAÇÃO TEOLÓGICA

Se Am 1,2 demonstra o paralelismo em sua dinâmica de intensificação progressiva, Am 5,4-6 demonstra o quiasmo em sua dinâmica de orientação teológica. O texto é o seguinte:

"Procurai-me, e vivereis

Mas não procureis em Betel,

No Guilgal não entreis,

não passeis por Beer-Sheba;

pois o Guilgal será deportado por inteiro

e Betel virará iniquidade.

Procurai o Senhor e vivereis." (BÍBLIA, Am 5,4-6a)

Carroll identifica a estrutura quiástica do texto:

A ("*Procurai-me, e vivereis*") enquadra

B (Betel),

C (Gilgal),

D (Berseba),

C' (Gilgal),

B' (Betel), retornando a

A' ("*Procurai o Senhor e vivereis*").

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

Berseba ocupa o centro: posição D, o ponto de inversão. Carroll observa que precisamente por isso a tentativa de alguns críticos de eliminar Berseba como adição secundária é problemática: o santuário do sul está no ápice estrutural, e removê-lo desfaz a simetria que organiza o texto (CARROLL, 2020, p. 449). A forma, aqui, é argumento: a estrutura constitui a evidência de sua própria coerência.

O quiasmo orienta a leitura teologicamente de modo que a prosa linear não alcançaria. A estrutura invertida conduz o ouvinte para o centro, e o centro não é nenhum dos santuários nomeados, mas a inversão de seu destino. O movimento do texto é: imperativos positivos (A, A') enquadram uma série de interdições (B, C, D, C', B'). O ouvinte percorre os santuários, nomeados e renomeados, e ao final retorna à mesma exortação inicial, agora com peso acumulado. Kselman demonstrou, a partir de exemplos variados, que o quiasmo semântico-sonante orienta a atenção para o núcleo da construção (KSELMAN, 1977, p. 219). Em 5,4-6, esse núcleo é precisamente a negação do valor salvífico dos santuários.

Carroll ainda nota, ao analisar Am 5,5, o jogo sonoro sobre Gilgal: *haggilgāl gālōh yigleh*, “Guilgal será deportado por inteiro” — uma paronomásia que reforça a condenação com o som do próprio nome (CARROLL, 2020, p. 453). O nome do santuário já carrega, foneticamente, a sentença que o aguarda. Em Am 5,4-6, Amós concentra o principal repertório estrutural da poesia hebraica — quiasmo, paralelismo, paronomásia — de modo coerente com sua função retórica: a configuração formal conduz o ouvinte para onde o oráculo o direciona.

3.3 AM 8,1-2: PARONOMÁSIA E CONCENTRAÇÃO SEMÂNTICA DO JULGAMENTO

A quarta visão de Amós é, do corpus analisado, o texto de operação linguística mais concentrada. Merece atenção cuidadosa, pois nele a poesia age no plano sonoro de modo a produzir um colapso semântico de alta precisão.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

"Eis o que me fez ver o Senhor, meu Deus: Era uma cesta de frutos de fim do verão. Disse ele: 'Que vês, Amós?'. Respondi: 'Uma cesta de frutos do verão' [*qayiṣ*]. O Senhor me disse: 'Chegou o fim [*qēṣ*] para Israel, meu povo; para ele, não passarei mais outra vez." (BÍBLIA, Am 8,1-2)

A relação entre *qayiṣ* (frutos do verão) e *qēṣ* (fim) é o eixo do texto. Carroll esclarece que as duas palavras derivam de raízes diferentes, mas que a pronúncia dialetal do norte de Israel produzia sons suficientemente semelhantes para que a convergência fosse perceptível ao ouvinte (CARROLL, 2020, p. 693). Trata-se não de homonímia perfeita, mas de assonância funcionalmente equivalente: ao nomear o objeto da visão, o profeta enuncia simultaneamente a sentença.

Carroll observa que a ironia é particularmente aguda: enquanto a imagem do cesto poderia sugerir provisão e renovação, *qēṣ* revela que o fim chegou (CARROLL, 2020, p. 693). Essa inversão semântica, o símbolo de abundância tornando-se portador da sentença, é produzida por convergência sonora, não por argumentação. Landy capta o mecanismo com precisão: "Ao ser nomeadas, com toda sua significação desconhecida, as coisas são atraídas para a órbita humana; inversamente, na visão, o visionário reconhece coisas do seu mundo com olhos diferentes" [15] (LANDY, 1987, p. 242, tradução nossa). A paronomásia de 8,1-2 realiza isso na forma mais concentrada possível: o cotidiano agrícola e a sentença escatológica convergem em um único instante de audição.

Zieba, ao discutir os recursos sonoros da poesia hebraica, observa que os estudiosos tendem a subestimá-los por concentrarem excessivamente os critérios de análise nos níveis semântico e gramatical (ZIEBA, 2020, p. 760). Am 8,1-2 é um caso em que essa subestimação seria especialmente penosa. A convergência *qayiṣ/qēṣ* exige a voz, a performance, o ouvido, não pode ser percebida na leitura silenciosa. Esse dado situa o texto precisamente no cruzamento entre análise literária e análise retórica, antecipando a discussão sobre oralidade e transmissão que a subseção seguinte retomará.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

3.4 AM 5,2: O METRO QINAH E A CONFIGURAÇÃO RÍTMICA DO COLAPSO

Há um texto em Amós onde a dinâmica poética não apenas intensifica o sentido, ela pode ser compreendida como encarnando-o. Am 5,2 é esse texto:

"Ela caiu, já não se levanta, / a virgem de Israel,

ela está prostrada no seu chão, / sem ninguém para levantá-la." (BÍBLIA, Am 5,2)

O versículo está escrito no metro *qinah*, o ritmo característico do lamento fúnebre na poesia hebraica. Carroll descreve com precisão sua estrutura: o *qinah* é composto por dois membros por linha, combinando tipicamente três e dois elementos (CARROLL, 2020, p. 442), uma cadência que vai de maior para menor, de completude para interrupção. Carroll apresenta a estrutura literal do versículo:

Ela-caiu, já-não se-levanta (3) a-virgem de-Israel (2)

Ela-está prostrada no-seu-chão (3) sem-ninguém para-levantá-la (2)

A cadência é a da perda. O primeiro hemistíquio de cada linha é mais longo; o segundo, mais curto, como uma respiração que não consegue se completar. Couey e James observam que o ritmo desequilibrado de 3+2 é amplamente reconhecido como uma das marcas distintivas do gênero do lamento, capaz de inscrever no ouvinte uma sensação de ruptura rítmica que corresponde à ruptura da situação narrada (COUEY; JAMES, 2018, p. 204).

O que torna Am 5,2 particularmente significativo é o momento em que o metro *qinah* é empregado. O lamento está sendo pronunciado antes do fim, não como recordação de um desastre já ocorrido, mas como antecipação de um colapso ainda por vir. Brueggemann, ao analisar a função do lamento na tradição profética, observa que "A característica idiomática da crítica profética é a angústia,

---

[15] *"In being named, with all their unknown significance, they are drawn into the human orbit; conversely, in the vision the visionary recognizes things from his world with different eyes."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

e não a raiva. O ponto do idioma é permitir à comunidade engajar a sua própria angústia, que ela prefere negar" (BRUEGGEMANN, 2025, p. 152). Em Am 5,2, o metro *qinah* é precisamente esse idioma: ele não descreve a morte de Israel, ele a configura no plano rítmico, fazendo o ouvinte experimentar o peso do luto antes que o luto seja necessário.

Carroll aponta ainda uma ambiguidade relevante: a voz que profere esse lamento pode ser a do próprio Yahweh, e não apenas a do profeta (CARROLL, 2020, p. 443). Se essa leitura for admitida, o metro *qinah* adquire dimensão ainda mais aguda: o próprio Deus lamenta antecipadamente aquilo que o julgamento inevitável produzirá. A estrutura poética, nesse caso, é o modo pelo qual a gravidade teológica da mensagem encontra expressão adequada.

Watson, ao tratar dos metros da poesia hebraica clássica, observa que o *qinah* é um dos poucos metros em que o efeito sonoro e o efeito semântico convergem de modo particularmente marcado: a assimetria do ritmo não é apenas formal, mas expressiva (WATSON, 1994, p. 118). Em Am 5,2, o verso cai, literalmente, em seu ritmo; e pelo ritmo, o ouvinte sente cair aquilo que o verso anuncia.

3.5 ORALIDADE, MEMORIZAÇÃO E EFICÁCIA DE LONGO PRAZO: SÍNTESE

Os quatro textos analisados nas subseções anteriores compartilham uma característica que vai além dos recursos individuais que cada um exemplifica: todos foram compostos, ou ao menos transmitidos e fixados. de modo a serem retidos pela memória e reconhecidos pelo ouvido. Esse dado não é secundário para a compreensão de sua eficácia retórica.

Como se estabeleceu na seção 2.3, o termo "oralidade" não designa aqui ausência de escrita, mas preferência de formas composicionais orientadas à performance e à memorização. Schwantes observa que a profecia em Israel não pode ser dissociada de sua dimensão comunicativa e social: os oráculos proféticos

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

circulavam, eram ouvidos, relembrados e retransmitidos (SCHWANTES, 1982, p. 115-116). Nesse contexto, a estrutura poética não era um luxo estético, era uma condição de sobrevivência da mensagem. O que não pode ser retido na memória dificilmente produz efeito ao longo do tempo.

Cada recurso analisado contribui a esse processo de modo específico. O paralelismo intensificado de Am 1,2 cria uma progressão rítmica que facilita a memorização por repetição variada. O quiasmo de Am 5,4-6 organiza o material em torno de um centro reconhecível, tornando o texto mais fácil de percorrer mentalmente. A paronomásia de Am 8,1-2 ancora a mensagem em um par sonoro — *qayiṣ/qēṣ* — que, uma vez ouvido, dificilmente se dissolve. O metro *qinah* de Am 5,2 inscreve o lamento no ouvinte por meio do ritmo, tornando a perda palpável antes mesmo de ser compreendida.

Watson observou que os recursos formais da poesia hebraica clássica — paralelismo, quiasmo, aliteração, metro — funcionam, entre outras coisas, como dispositivos de retenção mnemônica (WATSON, 1994, p. 118). Freedman, por sua vez, argumentou que na poesia bíblica oral e escrito se interpenetram de modo inseparável: a forma que facilita a performance também facilita a fixação textual (FREEDMAN, 1977, p. 12). Petersen acrescenta que os diferentes papéis sociais dos profetas israelitas implicavam diferentes modos de comunicação, e que a poesia estruturada era certamente um desses modos, mais difícil de distorcer na transmissão (PETERSEN, 1981, p. 33-34).

Tomados em conjunto, os quatro textos analisados indicam que a poesia nos oráculos de Amós constitui o modo pelo qual a mensagem encontra sua forma mais eficaz: aquela que intensifica, orienta, concentra e sustenta a mensagem ao longo do tempo. A análise literária e a análise retórica, nesse caso, apontam na mesma direção.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo retomou uma pergunta que eventualmente aparece nos estudos sobre Amós: era o profeta também um poeta? A resposta que se buscou aqui, no entanto, não é biográfica. O deslocamento proposto desde a introdução, da questão sobre a pessoa do profeta para a questão sobre a função de seus textos, orienta também o modo como as conclusões podem ser formuladas.

A análise das quatro passagens selecionadas permitiu mostrar de modo analítico que a configuração formal nos oráculos de Amós não desempenha papel ornamental. Cada recurso examinado revelou uma função específica e verificável no texto. O paralelismo de Am 1,2 intensifica e amplifica, conduzindo o ouvinte de uma ameaça animal para uma ameaça soberana em movimento progressivo que o membro sinonímico, por si só, não realizaria. O quiasmo de Am 5,4-6 orienta a leitura para seu núcleo teológico, tornando a configuração formal um argumento: a posição de Berseba no ápice do quiasmo não é decorativa, ela é a evidência formal da coerência do oráculo. A paronomásia de Am 8,1-2 concentra a mensagem em um instante de audição, fazendo a vida cotidiana agrícola e a sentença escatológica convergirem em um único par sonoro que a prosa não poderia produzir. O metro *qinah* de Am 5,2 configura o colapso no plano rítmico antes que o colapso seja narrado, inscrevendo no ouvinte o peso do luto antecipado.

Em conjunto, esses quatro textos indicam que a poesia em Amós opera como estratégia retórica no sentido mais preciso do termo: não uma estratégia consciente e calculada por um autor identificável, mas uma estratégia inscrita na própria estrutura dos textos, verificável por análise formal e funcional. Essa é a tese que orientou este artigo, e é a ela que os dados analisados convergem.

É necessário, no entanto, reconhecer dois limites que a análise não pôde superar. O primeiro é metodológico: a análise literária dos recursos poéticos permite afirmar que esses recursos produzem determinados efeitos no texto, mas não permite afirmar, com base apenas nos dados textuais, que esses efeitos foram planejados, calculados ou conscientemente perseguidos. A diferença entre “a forma

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

funciona como estratégia" e "a forma foi usada como estratégia" permanece, neste artigo, deliberadamente controlada. O segundo limite é do corpus: os quatro textos selecionados são representativos, mas não exaustivos. A poesia de Amós é mais ampla e mais variada do que qualquer seleção parcial pode capturar. Outros textos poderiam confirmar, complicar ou matizar as conclusões aqui apresentadas.

Esses limites, porém, não enfraquecem o argumento central, eles o tornam mais preciso. O que este artigo demonstrou é que, nos textos analisados, a estrutura poética organiza a força comunicativa dos oráculos de tal modo que não seria alcançável pela prosa. Como Alter formulou, os valores da Bíblia "são inseparáveis da forma que lhes é conferida nos poemas" [16] (ALTER, 2011, p. 256, tradução nossa). Essa inseparabilidade, percebida por Alter no plano teórico, manifesta-se nos oráculos de Amós como dado textual verificável.

A pergunta com que se fechou a análise — se a poesia em Amós é ornamento ou estratégia — recebe, à luz dos textos, uma resposta que talvez seja mais sutil do que a pergunta sugeria: a distinção entre ornamento e estratégia pode ser, ela própria, anacrônica. Na tradição poética hebraica, como demonstraram Berlin, Watson e Couey e James, forma e sentido não se distribuem em camadas separadas, uma decorando a outra. Ambos constituem o texto. Dizer que Amós usou a poesia como estratégia retórica é, portanto, dizer algo mais simples e mais fundamental: que Amós falou em poesia porque a poesia era o modo pelo qual aquelas mensagens podiam ser ditas com a força, a precisão e a durabilidade que exigiam.

A questão que este artigo não desenvolveu, e que o segundo artigo desta série buscará examinar, é a do que essa linguagem poética faz quando sua eficácia não é apenas comunicativa, mas coercitiva: quando a configuração formal não apenas intensifica e orienta, mas sentencia. A linguagem profética de Amós, como se viu em Am 5,2 e Am 8,1-2, parece, em alguns momentos, configurar o julgamento no próprio enunciado. Essa dimensão e sua relação com o que a teoria

[16] Cf. nota 6. ALTER, 2011, p. 256, tradução nossa.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

linguística posterior identificou como violência simbólica[17] constituem o horizonte teórico para o qual este artigo aponta.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **The Art of Biblical Poetry**. Revised and Updated. New York: Basic Books, 2011.

BERLIN, Adele. **The Dynamics of Biblical Parallelism**. Revised and Expanded Edition. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2007.

BÍBLIA. **Bíblia TEB**: Tradução Ecumênica da Bíblia. Nova edição. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

BRUEGGEMANN, Walter. **A Imaginação Profética**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025.

CARROLL R., M. Daniel. **The Book of Amos**. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2020.

COUEY, J. Blake; JAMES, Elaine T. (Ed.). **Biblical Poetry and the Art of Close Reading**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

FREEDMAN, David Noel. Pottery, poetry, and prophecy: an essay on biblical poetry. **Journal of Biblical Literature**, v. 96, n. 1, p. 5-26, 1977.

GELLER, Stephen A. Were the prophets poets? **Prooftexts**, v. 3, n. 3, p. 211-221, set. 1983.

[17] A expressão “violência simbólica” remete aqui, de modo amplo, ao campo da teoria dos atos de fala inaugurado por J. L. Austin (*How to Do Things with Words*, 1962) e ao conceito sociológico desenvolvido por Pierre Bourdieu (*Ce que parler veut dire*, 1982), que será examinado em detalhe no segundo artigo desta série.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 07/04/2026 - **Accepted:** 08/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/v5amra83
Pages: 1-21

KSELMAN, John S. Semantic-sonant chiasmus in biblical poetry. **Biblica**, v. 58, n. 2, p. 219-223, 1977.

KUGEL, James L. **The Idea of Biblical Poetry**: parallelism and its history. New Haven: Yale University Press, 1981.

LANDY, Francis. Vision and poetic speech in Amos. **Hebrew Annual Review**, v. 11, p. 223-246, 1987. Disponível em: https://kb.osu.edu/server/api/core/bitstreams/60f8b2db-b85b-5385-86fc-beb19cb29e50/content. Acesso em: 18 out. 2023.

PETERSEN, David L. **The Roles of Israel's Prophets**. Sheffield: JSOT Press, 1981.

POLLARD, Edward B. The prophet as a poet. **The Biblical World**, v. 12, n. 5, p. 327-332, 1898.

REIMER, Haroldo. **Amós**: profeta da justiça. São Leopoldo: CEBI, 2000.

SCHWANTES, Milton. Profecia e estado: uma proposta para a hermenêutica profética. **Estudos Teológicos**, v. 22, n. 2, p. 105-145, 1982. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/download/1313/1264. Acesso em: 22 nov. 2023.

WATSON, Wilfred G. E. **Classical Hebrew Poetry**: a guide to its techniques. Sheffield: JSOT Press, 1994.

ZIEBA, Zbigniew. **Biblical Hebrew Poetry in Recent Research**. Breslávia: Papieski Wydział Teologiczny we Wrocławiu, 2020.